Escrita e comportamento social: Dom Obá II nas páginas dos jornais cariocas do século XIX

Writing and social behavior: Dom Obá II in the pages of Rio de Janeiro 19th century newspapers

Lilian do Rocio Borba*

Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, Brasil

Resumo: Este artigo tem como objetivo focalizar os escritos de Cândido da Fonseca Galvão (1845-1890), o Dom Obá II d'África, como estratégia de visibilidade e ascensão social. Galvão foi um indivíduo negro livre no Brasil escravocrata¹; filho de africano forro de origem iorubá, publicou uma série de artigos em jornais cariocas no fim do século XIX. Este estudo de caso tem como lugar teórico a sociolinguística histórica em diálogo com estudos relacionados à história social, corrente historiográfica que se reporta a evidências de vários aspectos do cotidiano de diversificados agentes da história, sobretudo daqueles que participam da história em papéis subalternizados, a chamada “história vista de baixo”. A significação social atribuída à escrita por Cândido Galvão é um elemento de relevo para se discutir o uso da linguagem como comportamento social (Labov, 2008 [1972]), sobretudo como aspiração à mobilidade social. A produção textual desse sujeito do século XIX testemunha um comportamento social profundamente conectado com os valores relacionados às práticas escritas da sociedade de então. Por meio da participação das práticas de escrita o

* Pesquisadora de pós-doutoramento na Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL), com bolsa do Programa Nacional de Pós-Doutorado (PNPD) da CAPES/MEC. Campinas, São Paulo, Brasil. lilianbor@yahoo.com.br

¹ Esta pesquisa integra o projeto de pós-doutoramento “Pronunciamentos de D. Obá II, edição crítica para a história da escrita de afrodescendentes no século XIX”, desenvolvido junto ao projeto temático “A língua portuguesa no tempo e no espaço: contato linguístico, competição de gramáticas e mudança paramétrica” (Temático Fapesp 2012/06078-9), sob a coordenação da professora doutora Charlotte M. C. Galves (IEL/Unicamp).

sujeito histórico da pesquisa se inseriu de forma ativa na sociedade da qual fez parte, se inscreveu no mundo da escrita, se posicionou como um cidadão, constituindo a identidade de *um sujeito de escrita*.

Palavras-chave: Escrita. Sociolinguística histórica. Comportamento social. Fontes documentais.

Abstract: This article aims to focus on the writings of Candido da Fonseca Galvão (1845-1890), Dom Obá II d'África, as a strategy for visibility and social mobility. Galvão was a free black man during slavery Brazil. Son of a free African of Yoruba origin, he published a series of articles in newspapers of Rio de Janeiro in the late nineteenth century. This case study is theoretically based on historical sociolinguistics in dialogue with studies related to social history, a historiographic trend that uses evidence from various aspects of the diverse agents of everyday history, especially those participating in subordinate roles in history, the so-called "history from below". The social meaning assigned to the writings by Cândido Galvão is an important element to discuss the use of language as a social behavior (Labov, 2008 [1972]), especially the desire for social mobility. The writings of this individual of the nineteenth century witnessed a social behavior deeply connected with the values related to the written practices of the society of that time. By means of participation in writing practices, the historical subject of this research imposed himself as a citizen, constituting the identity of a *writing subject*.

Keywords: Writing. Historical sociolinguistics. Social behavior. Documentary sources.

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte da pesquisa que desenvolvo sobre os escritos de Cândido da Fonseca Galvão (1845 -1890), o Dom Obá II d'África. Homem livre de cor, filho de africano forro, Galvão nasceu em Lençóis na Bahia e se tornou oficial do exército brasileiro na Guerra do Paraguai. Entre os anos de 1877 e 1890, morou no Rio de Janeiro nos tempos de D Pedro II. Na corte, esse brasileiro de primeira geração viveu na região que ficou conhecida anos depois como "Pequena África" -entorno do porto que reunia grande parcela de população de origem africana. Aos finais de semana, participava das audiências públicas na Quinta da Boa Vista, onde era recebido pelo Imperador (Koseritz 1972 [1883]; Silva, 2001 [1997]; Soares, 1998; Schwarcz, 1999). Obá publicou diversos artigos em jornais da corte na coluna "a pedidos". Entre os anos de 1882 e 1887, localizamos cerca de sessenta artigos publicados no periódico *Carbonario*. Além desse *corpus*, o farto material

impresso coletado por meio de ferramentas de busca na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional² é constituído tanto por artigos publicados pelo sujeito desta pesquisa quanto por referências a sua figura e a seus textos em diversos jornais: *O Corsário*, *Gazeta da Tarde*, *O Globo*, *A Folha Nova*, *Jornal do Commercio*, *Gazeta de Notícias*. Esse *corpus* diversificado permite postular que é pelas práticas de escrita que Galvão se insere de forma ativa na sociedade da qual faz parte, se inscreve no mundo da escrita, se posiciona como um cidadão, constituindo uma identidade de *um sujeito de escrita*.

O conjunto de seus artigos publicados constitui uma fonte de dados relativos também ao pensamento de um sujeito afrodescendente em fins do século XIX, no contexto da abolição. Nessas colunas de jornal, os interlocutores de Cândido Fonseca não eram apenas os leitores “comuns” dos periódicos. Frequentemente, Dom Obá explicitava alguns de seus “interlocutores preferenciais” como o Imperador Pedro II, o Conde d’Eu e instituições como “os poderes do estado”, “o país” e, por vezes “o respeitável público”. O fato de selecionar e nomear alguns de seus colocutores, veicular pedidos, queixas e agradecimentos além de defender-se de calúnias recebidas, permite caracterizar tais artigos como “conversas ou diálogos públicos”.

Considerando o perfil sócio-histórico do sujeito da pesquisa, o contexto da emergência dos textos e algumas características da escrita empregada por D. Obá, pode-se relacioná-lo a Jacinto Ventura de Molina, afrodescendente nascido na vila de Rio Grande, no atual estado do Rio Grande do Sul, em outubro de 1766. Segundo Andrews (2008), “el Licenciado Negro Jacinto Ventura de Molina” foi um advogado autodidata que preparou petições e outros documentos em nome das sociedades africanas, oferecendo, assim, informações sobre as nações africanas, seus membros e dirigentes e sua política interna. Conforme informa Andrews (2008), Molina escreveu também sobre a história da população negra na África e na América e sobre os conflitos e enfrentamentos entre Portugal e Espanha. Apesar de seu caráter letrado, Jacinto ganhava a vida como sapateiro. Para Acree Jr. (2008, p. 32), os escritos de Molina “nos aproximan a um afrodescendiente que nació libre y que vivió para escribir”. Mesmo sapateiro, sua verdadeira profissão foi a escrita. Segundo o autor (2008),

² Consultar <<http://hemerotecadigital.bn.br/>>.

seus textos contêm uma variedade de escritos em diferentes registros e são destinados a públicos diversos. Era considerado louco por alguns, mas o fato é que era capaz de comunicar-se com a sociedade letrada. Sua escrita era qualificada como extravagante não por ele ser “um negro loco”, na opinião de seus críticos, mas porque buscava demonstrar que também tinha direito de ser conhecido como *letrado*, trafegando então por dois mundos: o da sociedade branca e letrada e o dos afrodescendentes destituídos dessa sociedade. Afirma Acree Jr. (2008, p. 41): “Cualquier zapatero que escribe al Papa, a los reyes de España, Portugal y Brasil, tiene que llamar la atención, sea blanco, indio o negro, hombre o mujer, joven o viejo, pues la combinación de la zapatería con la composición de memoriales o expedientes judiciales no es la más común”.

Parafraseando o autor, qualquer afrodescendente que escreva regularmente para autoridades no Brasil, ao final do século XIX, e tenha seus artigos regularmente publicados em coluna de jornal merece atenção e estudo. Como se verá na sequência, Obá era uma figura pública que gerava controvérsias, considerado amalucado por alguns e príncipe por outros. Seus textos também apresentam características próprias, desviando-se da norma escrita empregada nos jornais da época, no entanto, do ponto de vista da estrutura formal, se aproximam dos modelos que circulavam nos periódicos. O fato é que o autor se apropriou da palavra impressa e figurou nos jornais, com frequências diferentes, entre os anos de 1877 e 1899, demonstrando competências sociocomunicativas diversas.

Esta pesquisa busca também dialogar com Oliveira e Lobo (2009), que em seu trabalho sobre a escrita de afrodescendentes na Bahia do século XIX afirmam que “nas investigações sobre a história e a cultura escrita no Brasil, um campo de estudos ainda por explorar é o dos caminhos trilhados por negros livres e libertos, integrantes de grupos sociais subalternos” (Oliveira e Lobo, 2009, p. 6) Ao se estudar os caminhos trilhados pelo sujeito histórico deste trabalho, pondera-se que a escrita foi uma das estratégias por ele empregadas para sua participação ativa nas sociabilidades existentes. O material coletado permite observar um indivíduo de um grupo social subalternizado que avalia, julga, comenta, interpreta e opina; em suma, um sujeito negro livre em tempos de desmonte da escravidão, que elabora sentidos para as próprias ações e para as dos outros, difundindo projetos e perspectivas próprias ao grupo ao qual pertence ou intervindo em assuntos considerados de interesse público (Maciel, 2008). A discussão proposta neste trabalho elege a afirmação de Maciel (2008) em sua pesquisa sobre a imprensa popular no Rio de Janeiro entre

o fim do século XIX e o início do século XX como indicativo da relevância dessa série de documentos para o estudo em questão: “O domínio da palavra escrita e a possibilidade de divulgá-la por meio de periódicos significavam, para os populares, a conquista de um recurso até então monopolizado por poucos, comprometidos com a manutenção ou recriação do *status quo*”. (Maciel, 2008, p. 01)

E é a relação que Galvão estabelece com a palavra escrita impressa nosso principal interesse. A premissa principal é que a escrita, além de visibilidade social, poderia render a Obá a obtenção de direitos de cidadão. Além desta Introdução, o artigo é composto pelas seguintes seções: 2) Abordagem teórico-metodológica; 3) Trajetória de Cândido da Fonseca Galvão; 4) Construções discursivas sobre si e sobre sua escrita 5) Construções discursivas sobre Obá e 6) Considerações Finais.

2 ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA PESQUISA

Desenvolvida no âmbito da linguística sócio-histórica, a investigação proposta constrói uma relação estreita com estudos relacionados à história social, corrente historiográfica que não se reporta apenas aos grandes acontecimentos, mas a evidências de vários aspectos do cotidiano de diversificados agentes, sobretudo daqueles em papéis subalternizados, a chamada “história vista de baixo”, cujo interesse reside em abordar trajetórias de camponeses, operários, escravizados, pessoas comuns ou menos favorecidas da sociedade.

Tal abordagem propicia apoio metodológico ao trabalho do linguista cuja preocupação reside nos modos de participação na cultura letrada de africanos e descendentes no século XIX e na discussão sobre as características da escrita desses indivíduos. No entanto, os desafios envolvidos no estudo do passado se tornam complexos já no início da pesquisa; um deles se relaciona com a reconstrução de passagens importantes da trajetória do sujeito analisado. O presente estudo se baseia, principalmente, no trabalho seminal de Silva (2001[1997]) bem como no artigo de Kraay (2012).

Os artigos de D. Obá II, que constituem as fontes primárias neste trabalho, são tomados como eventos que testemunham a participação desse sujeito, aqui considerado como “quase-cidadão³”, em uma sociedade em que a palavra escrita

³ Termo referido por Cunha e Gomes (2007), ao tratar das novas configurações no Brasil do pós-emancipação, indica o caráter provisório do estatuto da cidadania vivenciado por homens e mulheres marcados por origem social ou de cor.

era a base para a conquista de direitos e em que o acesso à educação formal era privilégio de poucos. Esses testemunhos permitem entrever a intervenção pública do indivíduo que, por meio do documento escrito, se insere em práticas sociais letradas (Albuquerque Jr., 2011, p. 236). Com relação ao método de análise dos artigos, a abordagem proposta é serial e intertextual, como propõe Schlieben-Lange (1993, p. 179). Galvão publicou diversos artigos – o que nesta pesquisa constitui uma *série* –, sendo que em alguns desses é possível observar de maneira privilegiada sua visão sobre questões de seu tempo, sobre sua escrita. No entanto, faz-se relevante também a seleção e análise de textos particulares, constituindo-se então uma *abordagem intertextual*, uma vez que, aprofundada, tira o texto particular do nivelamento do olhar serial e o revaloriza. Nas palavras de Schlieben-Lange (1993, p. 179):

Os conhecimentos adquiridos no estudo serial permitem avaliar a escolha que o sujeito, autor do texto, efetuou com respeito aos elementos textuais que estavam ao seu alcance. Um sujeito que se enuncia para outros sujeitos faz uma escolha com relação à série em vista de uma finalidade precisa, seja científica, seja política. O “saber sedimento” dos textos anteriores transforma-se de novo em argumentação. Essa abordagem intertextual se concentra na reconstrução da finalidade e das relações intertextuais. Tais relações podem ser inconscientes e estereotipadas, ou ainda conscientes e formuladas de modo explícito e dialógico, seja para afirmar, seja para contestar o conteúdo dos textos anteriores.

Do ponto de vista da linguagem, do uso linguístico, esses textos-testemunhos deixam entrever traços de variedades linguísticas distintas. Nos artigos de Galvão, encontram-se lado a lado domínio da norma, quando são considerados aspectos da sintaxe (por exemplo, a ordem de colocação dos elementos na sentença), e desvios da norma, ao se considerar, por exemplo, certos casos de concordância nominal. Tal fato indica dupla competência linguística, e sua aparente “contradição” se desfaz ao se assumir que as variedades linguísticas empregadas nos artigos evidenciam duas dimensões autônomas da linguagem, fruto de aprendizagens distintas: a do vernáculo popular e a de uma sintaxe escrita convencional (Galves, 2009, p. 354). As características ligadas às variedades empregadas por Obá, apesar de relevantes para os estudos relacionados à variação e à mudança linguística, não são objeto de análise neste trabalho.

O presente artigo toma, fundamentalmente, como objeto de análise elementos discursivos e textuais, considerados em seu contexto sócio-histórico, com o intuito de propor a discussão de valores associados à escrita apreensíveis nos textos de Galvão e construídos por meio de expressões referenciais, tomadas como *objetos de discurso*. Como afirma Koch (2002), a referenciação constitui uma atividade discursiva, resultado da operação que se realiza quando, para designar, representar ou sugerir algo, o indivíduo usa um termo ou cria uma situação discursiva referencial com essa finalidade: “as entidades designadas são vistas como *objetos de discurso* e não como *objetos de mundo*.” (Koch, 2002, p. 79 grifos do autor). Os objetos de discurso são dinâmicos, ou seja, uma vez introduzidos no discurso, podem ser modificados, desativados, transformados, recategorizados, criando-se então condições para a construção de sentidos (Koch, 2002, p. 80). A autora cita Lorenza Mondada⁴ (1994), para quem:

O objeto de discurso caracteriza-se pelo fato de construir progressivamente uma configuração, enriquecendo-se com novos aspectos e propriedades, suprimindo aspectos anteriores ou ignorando outros possíveis, que ele pode associar com outros objetos ao integrar-se em novas configurações, bem como pelo fato de articular-se em partes suscetíveis de se autonomizarem por sua vez em novos objetos. O objeto se completa discursivamente (Mondada *apud* Koch, 2002, p. 81).

Além da importância das expressões referenciais – tomadas nesta pesquisa como objetos de discurso – para a análise dos movimentos discursivos observados nos artigos coletados, tais expressões contribuem para o estudo das representações veiculadas nos artigos de Cândido Fonseca Galvão, o Dom Obá II, sobre si e sua prática.

⁴ Mondada L. Verbalisation de l'espace et fabrication du savoir: approche linguistique de la construction des objets du discours. Lausanne, de Lausanne, 1994.

3 TRAJETÓRIA: DE CÂNDIDO GALVÃO A PRÍNCIPE D. OBÁ II

Por meio de documentos ligados à burocracia do exército e do império, é possível acompanhar a trajetória de Galvão, que participou ativamente do recrutamento de voluntários para a guerra do Paraguai em 1865, levando trinta pessoas de Lençóis a Salvador, onde assentaram praça na Terceira Companhia dos Zuavos, tendo sido promovido a alferes na véspera do embarque. Segundo Kraay (2012, p. 55), os indivíduos que apresentavam voluntários, como Galvão, ganhavam muito prestígio. A participação no conflito forjou expressivamente, como se verá na sequência, traços de sua identidade, e permeia seus artigos instituindo um lugar social a esse sujeito histórico que pertenceu a diferentes grupos socialmente marginalizados: negros, pobres e ex-soldados. Kraay (2012) observa a tensão criada entre a robusta mobilização dos homens de cor no exército e a falta de espaço para os ex-soldados exercerem sua identidade e cidadania. O historiador comenta o início da trajetória de Galvão relacionando-o ao conflito:

Em 1865, todavia, o futuro Dom Obá não passava de uma figura secundária na mobilização dos homens negros na Bahia e em Pernambuco. Nas capitais das duas províncias, muitas companhias de homens negros, denominadas zuavos, cou-raças e sapadores, foram organizadas em 1865-67. Mais de mil homens marcharam para a guerra usando fardas distintas, identificando-se como defensores negros do Império. Essa ideologia remontava a uma longa tradição, que vinha do período colonial, de serviço à monarquia e ao Estado por parte de homens de cor. A mobilização deles também integrava as redes de clientelismo que os ligavam ao sistema político. A experiência desses soldados, e principalmente a dos seus oficiais, cuja atuação militar pode ser seguida em diversas fontes documentais, revela a complexidade da política racial do Estado brasileiro, que recorreu à mobilização de homens negros, mas não aceitou a identidade racial implícita no ato de organizar companhias negras. [...] Depois da guerra, havia pouco espaço para os veteranos negros exigirem a cidadania e, como a maioria dos ex-soldados, eles permaneceriam marginalizados pela sociedade. (Kraay, 2012, p. 122-123)

Apesar de ter participado ativamente dessa grande mobilização de homens negros que lutaram na guerra, Galvão permaneceu, no entanto, menos de um ano nos campos de batalha paraguaios. Viveu um período na Corte e foi mandado

de volta para sua província natal, iniciando um difícil processo de readaptação à vida civil (Silva, 2001[1997], p. 57). Ainda segundo Silva (2001), como tantos retornados, Galvão buscava, em primeiro lugar, o reconhecimento social de seus feitos e valimentos. Para tanto, percorria os trâmites legais, dirigindo-se preferencialmente ao próprio imperador, mas também ao Ministro da Guerra Duque de Caxias. Estão guardados no arquivo do exército uma série de documentos, pedidos, petições de Cândido da Fonseca endereçados às autoridades. Conforme Kraay (2012, p. 159), em 1866 foi demitido do exército por “mau comportamento habitual e desordeiro”⁵.

Ao ser desligado, perdeu a patente de alferes bem como as honras que o posto concedia, entre as quais o direito de usar a farda e de ser tratado como oficial. Como ressalta Kraay (2012, p. 158), eram apenas honras, uma vez que “a concessão não dava direito à pensão”. Em 1871, no entanto, Galvão solicitou por meio de requerimento ao imperador que lhe fossem conferidas as honras do posto, mencionando que uma “moléstia” não especificada o impossibilitara de prosseguir na guerra – informação, segundo Kraay (2012), confirmada pela secretaria do comando das armas da Bahia. Requerimentos, petições, comprovações documentais, memoriais, entre outros documentos que constituem práticas burocráticas permeadas, fundadas e tornadas legais por meio dos textos escritos produzidos por instituições e outros sujeitos, inserem Galvão socialmente como um cidadão. Ou como um quase-cidadão, visto que, segundo seus próprios relatos, ele vivia em situação de penúria.

A relação estabelecida com o exército por meio dessas práticas sinaliza a Galvão que a palavra escrita é importante ferramenta de existência social para obtenção de direitos. Exemplo do que se afirma é que, em março de 1872, ele apresentou memorial ao imperador, no qual solicita, desta vez, as “honras do posto” e uma “pensão correspondente”. Em setembro desse ano, conseguiu reaver as honras do posto de alferes e a partir de então constrói a reputação de herói de guerra, a despeito da demissão por “mau comportamento habitual” anteriormente assinalada. A pensão, provavelmente, não foi concedida, já que em novo memorial, datado de maio de 1874, solicita mais uma vez o pecúlio:

Vossa Majestade, atendendo os meus serviços na Campanha concedeu-me as honras de Alferes do Exército, porém me achando inválido também sou digno de uma pensão e sem esta, não posso viver com dignidade como exige a minha

⁵ Não temos informação exata de como seria esse “mau comportamento”.

pequena posição na sociedade por isso imploro a Vossa Majestade Imperial a graça de conceder-me uma posição correspondente ao meu posto (*apud* Silva, 2001 [1997], p. 189-90).

É interessante destacar na passagem a competência e a habilidade textual-discursiva postas em prática ao utilizar elementos de encadeamento dialógico e de retomada na construção da argumentação. Merece relevo também a consciência de “posição social” diferenciada que Galvão relaciona ao posto que ocupava. Nesse sentido, a noção de quase-cidadão forjada por Cunha e Gomes (2007) é reiterada, pois Galvão resgatou a patente e as honras decorrentes, mas não tem uma pensão que lhe garanta a subsistência.

Segundo Silva (2001), em nova onda migratória de 1877, Galvão retorna à cidade do Rio de Janeiro, e, como a maioria dos veteranos da Guerra do Paraguai, se reintegrou à população livre e pobre de cor da qual foi recrutado (Kraay, 2012). Segundo Soares (1999, p. 159-60), Galvão morou⁶ na freguesia de Santa Anna, na Rua Barão de São Félix, a mesma do mais famoso cortiço da época, o Cabeça de Porco, onde também habitava quantidade considerável de baianos. Para o historiador, Cândido Fonseca Galvão, ou D. Obá, era “um referencial para a comunidade baiana, e para aqueles que viessem para a capital”, pois, mesmo não sendo um “capoeira praticante”, o Príncipe Obá era portador de uma mensagem política simpática aos capoeiras: a manifesta simpatia pela monarquia e por sua adesão à causa abolicionista. Essa intensa relação com a população negra da corte que reconhecia em Obá a origem nobre parece ter sido a explicação para o recebimento de dízimos que a comunidade de africanos e descendentes lhe pagava.

Faz-se necessário abrir um tópico sobre a passagem de Galvão, o alferes, para Dom Obá, o Príncipe Preto. Pois se Galvão/Obá era popular entre os conterrâneos, capoeiras e patrícios moradores dos cortiços cariocas, aos finais de semana era um frequentador assíduo das audiências públicas oferecidas pelo Imperador Pedro II que ocorriam na Quinta da Boa Vista. Um “fato histórico bem documentado” é como Silva (2001, p. 93) se refere a seu acesso ao palácio e ao próprio imperador. Conforme o historiador, entre 17 de junho de 1882 e 13 de dezembro 1884, esteve presente em todas as mencionadas audiências, num total de 125 visitas. Além desses registros, Silva (2001, p. 94-5) comenta passagens sugestivas sobre uma relação próxima entre D. Pedro II e D. Obá II durante tais visitas – conhecidas como o

⁶ Silva (2001 p. 79) cita outros lugares em que Galvão viveu.

beija-mão –, em que havia contato pessoal do imperador com a sociedade mais ampla: nobreza, políticos eminentes, autoridades diplomáticas, personalidades civis e militares, intelectuais e artistas, jornalistas, representantes de classe ou associações profissionais, entre outros tantos brancos, negros e miscigenados. Koseritz (1972, p. 149-50), um observador privilegiado dessas cerimônias, compõe uma descrição do alferes-príncipe:⁷

Não ao gênero tocante, mas ao grotesco, pertence a segunda figura marcante das recepções de São Cristóvão, o alferes Galvão, enganoso título sob o qual se abriga uma ilustre personalidade, isto é, nada mais nada menos do que o rei Obá II, da África, um pretendente à coroa, que, destituído do seu direito à herança, ambiciona hoje a soberania sobre toda a África. Galvão é um negro nascido na Baía e seu pai, Obá I, foi de-fato rei na África; foi porem vencido numa guerra e vendido como escravo no Brasil, onde mais tarde comprou sua liberdade, muito tarde, porem, para regressar à África e reconquistar o seu trono. Seu filho, que no Brasil se chama Galvão, fez a campanha do Paraguai e destacou-se tanto por bravura que foi nomeado alferes honorário do exército. A honra parece que lhe subiu à cabeça, porque logo que o pai morreu ele lançou pela imprensa daqui um manifesto a todos os povos da África no qual ele comunicava que, como Obá II, subia ao trono, e desde então regala o publico, de tempos em tempos, com manifestações pela imprensa, que são menos corretas do que interessantes, e na qual ele discute os assuntos brasileiros como Obá II. Ele é naturalmente *monarquista e conservador*⁸, pois é *um príncipe*... Obá II é *um negro grande e forte, com barba à Henrique IV*; usa finas roupas pretas e um pince-nez de ouro, com vidros azues. Trata a todos de cima para baixo, como convem a um príncipe; avança sem olhar para os lados até a primeira fila onde está o seu lugar ao lado do major Morin. Com sorriso superior observa então os demais, sauda displicentemente o pessoal do serviço e espera com dignidade a chegada do Imperador. Então, porem, derrete-se o seu orgulho como manteiga ao sol. Não é como

⁷ Foi mantida a grafia original da edição de 1972.

⁸ N.A. Os grifos nas citações são da autora. Nas citações dos textos que são objetos de estudo, optou-se por manter a grafia original.

de príncipe a príncipe que ele vai ao aperto de mão. Não; *Sua Majestade Obá II* dobra os joelhos como *um miserável vassalo* e, sempre de joelhos, beija a mão do Imperador... E isto se repete mais ou menos em cada sábado. Eu admiro realmente a paciência do Imperador, pois o alferes Galvão não é senão um homem meio amalucado, e a-pesar-disto o Imperador não lhe veda a porta, e suporta cada sábado, com paciência, a repetição da cena risível que acabei de descrever.

A citação é longa, mas o testemunho auxilia no entendimento de certos aspectos relacionados à trajetória do sujeito da pesquisa. Pelo que informa Koseritz (1972), o pai de Galvão foi um rei na África vencido e vendido como escravo para o Brasil, cujo filho já nascera livre em terras baianas. Assim que seu pai morreu, Galvão se autoproclamou herdeiro de Obá I, por meio de um manifesto publicado nos jornais da época. Desde então na categoria ou na função de príncipe, publicou diversas “manifestações pela imprensa” nas quais discute “assuntos brasileiros como Obá II”.

Koseritz constrói discursivamente uma imagem positiva do porte e da figura de Obá II: “negro grande, forte, com barba à Henrique IV; finas roupas pretas e um pince-nez de ouro, com vidros azuis.” Tal descrição se coaduna com imagens de Obá que podem ser encontradas na obra de Silva (2001, p. 176-8) e também no mundo digital.⁹ O cronista alemão, em sua descrição, também seleciona os atributos político-ideológicos “monarquista, conservador” que se relacionam com o autoproclamado título de nobreza: “príncipe”. A descrição constrói uma figura nobre que, no entanto, “se derrete” na relação com Pedro II, evidenciando uma hierarquia entre os nobres contemporâneos. Schwarcz (1999, p. 433-6) analisa a relação do imperador com a realeza negra que circulava na Corte. A descrição elaborada por Koseritz (1972 [1883]) se encontra entre seus relatos de 1883 e o próprio cronista alemão informa sobre os escritos de Obá na imprensa. É nos idos da década de 1880 que Galvão inicia a construção de sua figura pública como Príncipe Obá II d’África nas páginas de jornais da Corte. O texto que segue é um pedido de envio de documento e ilustra esse movimento no qual Galvão incorpora novos traços de sua identidade:

⁹ Uma questão, no entanto, cuja resposta pode ser sugerida: com que recursos Obá obteve e manteve as roupas finas e o pince-nez de ouro? Contribuição dos súditos talvez seja a resposta.

Sr. presidente da provincia da Bahia – Venho por meio da imprensa, e depois de ter enviado cartas pelo correio para aquelle fim, dirigir-me a V.Ex. afim de implorar a graça da remessa da minha certidão seguida d'esta corte pela secretaria do ministerio da guerra, no dia 1o de maio do corrente anno, dirigida a V. Ex. para ser submettida á thesouraria daquella provincial para os fins de legalidades; venho pedir respeitosamente que seja remettida a esta corte o despacho de V. Ex á minha petição. Rio de Janeiro, 21 de junho de 1880. – Alferes honorario do exercito brasileiro, subdito fiel do Estado de Sua Magestade o Imperador, príncipe Obá II de Africa

CANDIDO DA FONSECA GALVÃO. (*Gazeta de Noticias*, 22 jun. 1880, p.3)

Esse pedido público por escrito, ou “petição”, como sublinha D Obá II, em sua estrutura segue a norma esperada para o gênero em que se destaca: 1) indicação do interlocutor acompanhada da forma de tratamento adequada; 2) emprego da expressão cristalizada “Venho por meio”, com a indicação de que se trata de anúncio em periódico; 3) exposição do pedido no corpo do texto; 4) indicação, no fechamento, da data e do local do pedido. Merece destaque também o emprego da expressão “implorar a graça”, que se, por um lado, pode fugir à objetividade esperada em petições, por outro, pode indicar a urgência e a necessidade da remessa, uma vez que, segundo o emissor-enunciador, outras cartas já haviam sido enviadas sem ter obtido sucesso.

Relevante se mostra, para os objetivos desta pesquisa, a sequência do fechamento da petição em que o emissor-enunciador constrói discursivamente representações de si. Nesse fechamento há: 1) o nome civil que lhe foi dado no batismo grafado em caixa alta: CANDIDO DA FONSECA GALVÃO; 2) expressões autorreferenciais: a) Alferes honorário do exército brasileiro, b) súdito fiel do Estado de Sua Majestade, o Imperador, c) príncipe Obá II de África. Tais expressões evocam sentidos próprios em domínios sociais diferentes, respectivamente, no exército, *alferes*; na corte, *súdito*, e entre os africanos e descendentes, *príncipe*. O emissor-enunciador, por meio dessa sequência, configura o(s) lugar(es) social(is) de onde enuncia, (re)categorizando-se. Tais referências serão constantes em seus artigos.

O texto acima foi veiculado no jornal *Gazeta de Noticias*, em 22 de junho de 1880. Para exame mais detalhado nesta pesquisa, conforme dito anteriormente, foi selecionado o jornal *Carbonario*, em virtude do vasto número de artigos publicados

nesse periódico em que se podem acompanhar sequências de temas desenvolvidos por Dom Obá. Esse parece ter sido o veículo de imprensa mais próximo de suas aspirações, assunto abordado na próxima seção.

4 REPRESENTAÇÕES SOBRE SI E SUA ESCRITA NO CARBONARIO

como destaca Kraay (2012), Cândido da Fonseca Galvão foi o veterano negro de guerra que mais deixou documentos que revelam sua visão política, por meio das séries de artigos publicados na imprensa fluminense. Considerável número (sessenta) foi veiculado no jornal *Carbonário*, autodenominado “Órgão do povo”, um dos diversos pasquins ou jornais populares que surgiram, inundando o mercado de impressos da cidade do Rio de Janeiro nos anos 1880. Esses pasquins, segundo Araújo (2009), aliavam em seus empreendimentos interesses políticos e econômicos. Apenas alguns deles, no entanto, conseguiram realmente consolidar a publicação como um tipo de periódico de grande aceitação popular, como o *Tagarella* e o *Carbonario*. Diferentemente de tantos outros, esses dois conseguiram se manter em circulação por algum tempo. O *Carbonario* manteve-se vivo e atuante entre os anos de 1881 e 1890, encerrando seus trabalhos já no Brasil República. Em sua primeira edição, encontra-se o trecho seguinte, que apresenta o perfil da publicação:

Há necessidade portanto que os pequenos jornaes, que traduzindo a opinião do povo se esforcem pelas realizações de suas aspirações, pela conquista de seus direitos, pela amplificação de suas liberdades... Já contamos felizmente alguns periodicos desse gênero e que têm se desempenhado consciosamente *dessa alta missão*, mas esses não bastão. O *Carbonário* é mais um vem conspirar também ao lado de seus irmãos pela *victoria da causa popular* [...]. O *Carbonario* é das *classes baixas*... (Carbonario, 16 jul. 1881: edição 1, p. 1)¹⁰

Na passagem, o jornal afirma seu viés popular e sua “alta missão” – conspirar “pela victoria da causa popular [...]”. O Carbonario é das classes baixas” –, pondo em foco os elementos: aspirações, direitos e liberdades, em consonância com as políticas republicanas e abolicionistas. Aproximadamente um ano após o início

¹⁰ Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DOCREADER/DOCREADER.ASPX?BIB=332771>>.

de sua circulação, o jornal anuncia a primeira publicação do Príncipe D. Obá, trazendo a seguinte chamada:

Brevemente vamos encetar uma série de publicações, em que *S.A. o Sr Príncipe Ubá II da África* vae demonstrar toda evidencia que é *amigo do throno*, que trabalha a bem do povo, e finalmente que tem sido *victima de offensas gravíssimas* por parte de meia duzia de estroinas da época que não o sabem apreciar.

Preparem-se os amigos dos escriptos de S.A. para lerem as questões importantissimas que em breve elle dará á publicidade em nossa folha. (Carbonario, 14 ago. 1882: p. 4).

Essa chamada revela aspectos sobre a imagem discursiva construída pelo jornal, considerando-se as expressões referenciais para designar Obá: *S.A. o Sr Príncipe Ubá II da África*, *amigo do throno*, *victima de offensas gravíssimas*. Tais expressões constroem objeto discursivo de acordo com a imagem que Obá buscou compor de si. Questão linguística que merece relevo é o convite elaborado no modo verbal imperativo: “Preparem-se, os amigos de seus escriptos”; há na passagem o pressuposto de que o príncipe tem leitores já conquistados, indicando que Obá era conhecido, uma vez que não há propriamente uma apresentação. Um aspecto linguístico que corrobora com tal afirmação é o emprego do artigo definido “o”, na expressão nominal *o Sr Príncipe Ubá II da África*, que indica se tratar de um elemento textual-discursivo já conhecido, referido na memória do leitor do periódico. O príncipe escritor tem fama, mesmo antes de o jornal “encetar uma série de publicações” de sua autoria, provavelmente conhecido por seus escritos em outros veículos da imprensa.

A coluna de D. Obá, localizada na página 4 do *Carbonario*, era publicada em um espaço pago destinado aos avisos, anúncios, queixas de problemas públicos e privados. Segundo Maciel (2008, p. 8), aliada à venda e à assinatura de exemplares e de anúncios, a terceira contribuição que mais concorria para sustentar essas folhas é a publicação da coluna “a pedido”. O fato de pagar para ter seus textos publicados em um jornal de viés popular pode ter sido a causa da relação de tantos anos entre Obá e o *Carbonario*. O próprio Obá afirma que financiava seus escritos na imprensa: “Se assim não fosse *quem como eu tenho gasto nessas publicações na empresa*, teria concluído o processo que eu tentei contra o celebre alveres que é hoje da policia” (Carbonario, 04 set. 1882: p. 6). E criticava, como no excerto seguinte, os que tinham subsídio do tesouro nacional para publicar, construindo para si uma figura

de distinção, diferenciação, com relação aos que dependem do tesouro: “motivo este que venho obrigado como sempre é costume meu onde *tenho gasto sommas de contos de réis* desde 1847, sem ser preciso, como muitos, que quando escrevem é porque ganham do thesouro nacional” (Carbonario, 04 jun. 1883).

Questão que causa incômodo no último trecho é a passagem “tenho gasto sommas de contos de réis desde 1847”. Segundo Silva (2001, p. 38), Galvão nasceu por volta de 1845; sendo assim, a hipótese é de que tenha havido aí um erro tipográfico. A despeito desse desencontro de datas, há inquietações sobre como e quando Galvão teria aprendido a ler e a escrever. Há indícios de que tenha sido antes de entrar no exército. Vejamos a passagem publicada em artigo no *Carbonario* em 1886: “príncipe que tem a seus pés todos os reinos da grandiosa Costa d’Africa, e se elle acha no Brazil é porque lhe tem amor, derramou seu real sangue no Paraguay *elevou com poesias o axercito fez discursos os grandes numeros* de voluntarios e coperou para abolição dos captivos e da chibata” (Carbonario, 29 mar. 1886).

Teriam sido essas poesias e esses discursos apenas pronunciados oralmente ou Galvão os teria escrito antes de declamá-los? De todo modo, tais práticas estão seguramente ancoradas na relação entre a escrita e a oralidade, visto que exigem preparação prévia, são práticas oralizadas baseadas, contudo, em estruturas formais de escrita. Para a discussão proposta neste trabalho interessa que Obá, mesmo em sua breve passagem pela guerra em terras paraguaias, exibiu habilidades práticas pautadas na palavra escrita com o objetivo de participar politicamente. A passagem anterior indica que seus discursos criticavam os maus tratos que os voluntários negros sofriam no exército, sob o rigor da chibata. Uma pergunta sem resposta: teriam sido tais manifestações críticas a causa de sua dispensa da guerra por mau comportamento?

O ponto de relevo é que já no exército Galvão iniciou sua trajetória política. A primeira série de artigos veiculados no *Carbonario*, intitulada “Ao paiz e ao respeitável publico”, foi publicada entre os meses de agosto e setembro de 1882 e traz diversas reflexões de Obá sobre a escrita. O título indica a relação dialógica que o enunciador procura estabelecer, uma vez que nomeia seus interlocutores: o país e o público respeitável. O título polifônico remete a um enunciado conhecido nas chamadas de espetáculos teatrais/artísticos. Há, assim, uma encenação teatral, além do tom de oralidade, de espetáculos populares, e que opera com uma memória compartilhada publicamente. O trecho seguinte aponta como Obá se refere a si e à escrita:

Quem escreve também deve ter coragem, assim como eu que sou *soldado preto* por falta de homens brancos que quisessem

pôr o peito á balla, assim como muitos que foram mortos na falcidade, assim como consta ao paiz que todas as verdades não se dizem, [...] por isso venho mais hoje apresentar ao paiz e ao respeitável público, *a minha fraca lingoagem* que brota *offuscada pelo veo da indifferença*, pois fez-me a natureza, mais confirma a opinião e é justo que a patria escute a voz do deffensor da patria como soldado (Carbonario, 21 ago. 1882: p. 2).

O autor constrói discursivamente uma imagem de sua escrita como um ato de coragem, comparando o ofício da escrita com o fato de ter sido soldado preto que lutou na guerra ou, em suas palavras, colocou “o peito á bala”. Essa série inicial de artigos tomada como uma autoapresentação que cumpre um papel discursivo-textual importante: categorizar Obá como autor corajoso, soldado valoroso da pátria e príncipe (veiculado no final do artigo). A expressão “soldado preto” ganha relevo no contexto, pois afirmar que é preto, nesse contexto, não é indicar sua cor/etnia, mas criticar a complexidade da política racial do Estado brasileiro que recorreu à mobilização de milhares de homens negros, mas não aceitou a identidade racial implícita no ato de organizar companhias negras (Kraay, 2012). Afirmar-se preto, nessa passagem, é um ato político-ideológico e não “informativo”, o que corrobora a hipótese do presente trabalho de que a escrita para Obá II se constitui em estratégia de visibilidade social, de afirmação identitária e, conseqüentemente, de cobrança de direitos de cidadania.

Além da representação da coragem, como autor, como soldado e como preto, encontra-se também a representação de distinção em trechos de seus artigos cujo tópico é a escrita. Na passagem que segue, extraída de uma série de artigos intitulada “A justiça e a consciência”, há reflexões em que se pode entrever também a construção de sua autoimagem como indivíduo político e distinto:

Os meus titulos foram justificados nos tribunaes da magistratura brasileira, como também deve ser reconhecido por todo o universo, que no Brazil, S.M. o Imperador, e em qualquer outro paiz, a monarchia não terá *um mais fiel servo*, porque sou *intrasigente e o unico que ás suas expensas* tenho, mais que todos, me interessado pelo bem-estar da monarchia brasileira. É o que assim se vê, pelos *longos artigos* que tenho publicado, *na minha vida politica*, desde longos anos (Jornal Carbonario, s/d: p. 2).

A representação de distinção é construída discursivamente por meio das expressões autorreferenciais: *um mais fiel servo*, *o único que as suas expensas*, expressões que, ao estabelecer comparações juntamente com o termo “intransigente”, individualizam o enunciador. No trecho em questão, Obá afirma que suas publicações, nomeadas pela expressão referencial “longos artigos”, fazem parte de sua vida política; a expressão “na minha vida política” reitera, neste trabalho, sua consciência sobre sua escrita: ato político. O início da citação indica que seu título de príncipe foi justificado nos tribunais, o que sugere que havia controvérsias sobre sua origem nobre, assunto que não é foco desta pesquisa.

Em outra sequência, composta por dois artigos endereçados ao Conde d’Eu, Obá agradece a resposta do Conde à correspondência¹¹ anteriormente dirigida ao marido da Princesa Isabel. Tais artigos-documentos são representativos do que se pretende focalizar nesta pesquisa: D. Obá participa ativamente das práticas relacionadas à escrita, dialógicas por natureza: escreve, lê, recebe resposta, agradece, critica. A passagem seguinte explicita competências comunicativas e sociolinguísticas postas em prática: “Venho *respeitosamente* agradecer a resposta da carta que tive a honra de dirigir á V. A. durante o correr do mez de Agosto. *Meu sereníssimo protector*, acevero mui *respeitosamente* por mais de uma vez que orgulho-me de *preto ser*, tanto quanto sou *eu filho d’África*, duma decendencia que so aparecem no Brazil dum século a outro” (Carbonario, 20 set. 1886).

Para entender essa relação epistolar, é importante assinalar que a tropa dos Zuavos, da qual Galvão fez parte, teve no Conde um protetor e admirador. Segundo Silva (2001), quando a guerra terminou, boa parte do mundo oficial temia o retorno dos soldados, sobretudo dos “Voluntários, libertos e homens livres de cor, temperados por luta prolongada, o conde foi uma das raras vozes a sair em defesa dos mesmos” a quem chegou a chamar em correspondências privadas de “companheiros de arma” (Silva, 2001, p. 121). Feitas essas considerações, merecem relevo as formas empregadas por Obá para se referir ao conde, no corpo do texto: o título de nobreza “V.A.”, abreviatura para Vossa Alteza, e, em seguida a expressão referencial, com função de vocativo, “Meu sereníssimo protector”, que indica certa proximidade entre os interlocutores e a relação paternalista que pode ter havido

¹¹ Não tivemos acesso nem à carta enviada por Obá, nem à que foi enviada pelo Conde d’Eu.

entre eles. Além disso, o texto denota a formalidade necessária, que é expressa, entre outros elementos, pelo duplo uso do modalizador “respeitosamente” empregado no agradecimento e na afirmação do orgulho de ser preto, elementos que assinalam a adequação observada por Obá à situação comunicativa.

Além de responder a cartas recebidas, criticar questões de seu tempo e formular pedidos, Obá anunciou em suas colunas no *Carbonario* um volume de poesias que publicou, no entanto, ainda não localizadas. Apesar desse fato, em dois de seus artigos as “trouxe à publicidade”, além de informar que as “deitou à venda a 2\$ [...] “na casa camões e a gazeta do povo e afinal na livraria serafim na rua Sete de Setembro”. Seguem as passagens:

Dai-me motivos a trazer a *publicidade de um volume de poesias como epigrapho* de Enfeaul Entrigas ao principe D, Obá II d' Africa com segas envejas de proteger uma homilde quão ennocente filha, [...] portanto como o *ultimo recurso* que tenho vou deitar a *veuda de cada volume das poesias a 2\$* sem exemplo chamo para este fim atenção da patria onde sou forçado a dizer que a sciencia é o maior cabedal que o varã tem para o varão (Carbonario, s/d: p. 3)

Ao vender poesias como “o último recurso”, Obá expõe, além da penúria em que vivia, mais uma vez, a robusta relação que produziu com a escrita e, particularmente neste momento, com a poesia. Na mesma sequência do artigo que veicula o anúncio, ele se define como baiano e poeta: “a Bahia que justifique a minha folha corrida tanto quanto sou poeta ou não os dias patrios daquela Bahia 2 de Julho sem par onde nasci” (Carbonario, s/d: p.3). O fato de ter escrito e publicado poesias, oferecendo-as para venda, corrobora, outra vez mais, a afirmação de que Obá era participante ativo das sociabilidades de sua época relacionadas ao mundo da escrita.

Voltando a atenção para as discussões sobre a competência comunicativa que Obá expressa em suas reflexões sobre a escrita, há ainda um elemento relevante para esta análise. O autor finaliza diversos artigos com a expressão latina “Ego sum qui sum¹²”. Em um dos textos explica, polifonicamente, seu emprego nos artigos, explicitando uma consciência metatextual/metalinguística: “de obicervarem que o valor não está na cor é o motivo que sempre finaliso *os meus artigos, com ego sum*

¹² N. A. “Eu sou quem sou.” Palavras de Deus a Moisés (Êxodo, III, 14), quando o enviou para libertar o povo de Israel no Egito.

que sum quer dizer em africa, Manamim omam obá min jó obà sou de Abiodum Princp' et um obanum deuxième Afriquien. Dignece est operacione Mercedes sua, quem trabalha merece recompensa” (Carbonario, 25 jun. 1886).

Obá manipula termos e expressões de origens diversas: latim, francês, português e uma suposta língua africana. Quais os efeitos de sentido que se podem construir em passagens como essa, em que não há propriamente uma “tradução linguística” para o enunciado? Um entendimento possível é que, ao empregar tais expressões, Obá explicita que 1) de alguma forma teve contato com as expressões (lendo, ouvindo, vendo) e; 2) percebe o valor simbólico desses idiomas, entende que o uso pode valer pelo que representam e não apenas por aquilo que dizem. Esse uso pode ser tomado como uma forma de apropriação da função social de tais significantes. Nesse sentido, há uma aproximação de Labov (2008) ao tratar da significação social que é atribuída às variantes linguísticas – neste trabalho tomadas como formas linguísticas – que podem servir como indicador para medir formas de comportamento social: aspirações à ascensão social, mobilidade e insegurança social, mudanças na estratificação e segregação social.

Contudo Obá, além de escrever e publicar seus textos em jornais, também os lia e muitas vezes encontrava referências a si com as quais não concordava. Nos textos-documentos coletados, os artigos e a figura de D Obá eram, frequentemente, motivo de deboche. Ele próprio trata das críticas que lhe são feitas em outros jornais e protesta: “A vista das publicações na imprensa [...] tenho sido victima de injurias perversas negacia, e pretuberantes calunias” (Carbonario, 26 mar. 1886), ou “Publicando o ‘Corsario’ de 15 do mez passado uma carta adrede preparada com o fim de comprometer-me atribundo-se-me a sua paternidade, declaro ser inveridica essa atribuição” (Carbonario, 04 jun. 1883: p. 1). Na próxima seção, serão abordadas construções discursivas elaboradas sobre D. Obá.

5 CONSTRUÇÕES DISCURSIVAS SOBRE OBÁ, PRÍNCIPE DO IMPÉRIO DO PARATY

Embora não seja o foco de análise neste trabalho, na sequência busca-se analisar brevemente referências a D. Obá por outros jornais da época – como afirmado anteriormente, há um farto material sobre este sujeito histórico na imprensa de fins do século XIX. Para se refletir sobre sua construção por meio dos textos impressos, é importante também analisar a recepção de seus escritos e observar que elementos concorrem para a configuração discursiva de sua imagem.

No início de 1883, leitores faziam queixas e comentários irônicos sobre o alferes/príncipe, negando sua ascendência nobre e destacando negativamente sua relação com o jogo e com as bebidas alcoólicas. O texto que segue bem exemplifica essa representação: “Sra. Moradora da rua da Alfandega – A sua queixa contra o alferes Galvão tem um certo cunho de verdade. Galvão nunca foi príncipe, sabemos nós, mas ele está convencido de que o é realmente. *Príncipe do reino da Laranjinha e do império do Paraty* talvez seja...O que é verdade é que o *Obá II d’África é um gansista de força*” (O Corsário: coluna Correspondência, 01 maio 1883). Na passagem, Galvão é referenciado como príncipe, ironicamente, no entanto, do reino da laranjinha – um jogo de tabernas, trazido possivelmente de Portugal¹³ – e do Império do Paraty, termo usado como sinônimo de aguardente. É **também** chamado de Obá II d’África – título com o qual se autoidentifica, seguido da expressão “gansista de força”, cujo sentido não foi possível recuperar, mas empregada com sentido nitidamente depreciativo. Obá, como escritor, também figura nas páginas dos diários de forma pejorativa:

O tal Argos necessita passar por um exame de sanidade.

O seu aranzel de hontem recorda os escriptos do principe Obá.

Collaborará Sua Alteza com o Sr Argos?

Estamos convencidos d’isso... [...] Chechéo (A Folha Nova: coluna a pedidos, 26 jul. 1883).

Foi coligida, ademais, uma passagem na qual seu nome é empregado como sinônimo de algo negativo. Ao comentar uma interpretação artística ruim, o crítico assevera, metonimicamente: “o príncipe Obá dos artistas brasileiros” (O Corsário, 12 abr. 1884); além do trecho no qual há uma referência comparativa a D. Obá: “Vm entende tanto de theatro, quanto o príncipe Obá” (Gazeta de Noticias: publicações a pedidos, p. 2, 11 ago. 1889). Essas citações indicam que Obá era uma figura cidadina muito conhecida, fato mais uma vez ilustrado no exemplo seguinte, no qual um crítico de teatro comenta que em uma dada peça teatral havia personagens mirins caracterizados como Obá e como outras figuras igualmente populares. Segundo o crítico, a performance dos personagens rendeu gargalhadas: “e que ele se encaixou na festa dos Santos Innocentes, onde os meninos,

¹³ N.A. Essa informação foi encontrada no artigo “Desenvolvimento económico e mudança social. Portugal nos últimos dois séculos”. 2009. p. 227-248. In: Serrão JV, Pinheiro MA, Ferreira MFSM, organizadores. Sobre a alimentação popular urbana no início do século XIX: tabernas e casas de pasto lisboetas.

caracterizados com imensa graça, simulam ser – o *Príncipe Obá*, o urbano capoeira, o Simão da Mascotte e uma conhecida parteira. Ao entrarem em cena, os meninos alcançaram um verdadeiro sucesso de gargalhadas” (A Folha Nova: coluna Foyer, 27 out. 1883). O exemplo-mor da popularidade de Obá na corte está expresso no anúncio de máscaras do Príncipe Obá 2º d’Africa para o carnaval de 1886: “Rapasiada! é chegada a grande festa do carnaval de 1886. O Souza vende e aluga roupas de fantasia de todos os caracteres, [...] Tem grande diversidade de fantasias, bombos e caixas de ruído, espadas, mascaras caricatas, a Castro Urso e *Príncipe Obá 2º d’Africa*; (...) e um sem numero de objetos concernentes ao carnaval (Gazeta de Noticias: Anúncio, p. 4, 28 fev. 1886).

Tal popularidade concorre com as constantes referências irônicas, negativas e de escárnio à figura do sujeito histórico em questão. Um texto, em particular, indica as polêmicas que o cercam, publicado depois da partida para o exílio de D. Pedro II e meses antes da morte de D Obá.

Conheço um literato luzo-brasileiro, ou brasileiro nascido em Lisboa [...] que dá habitualmente aos amigos o seguinte conselho: Nunca percas a “linha”, a “linha” é tudo!

Esta “linha” este “aplomb”, esta distincção, este ar de superioridade, possui-os no mais alto grau S. M. o príncipe, Obá II.

Não há revezes que o abatam, não ha dissabores que logrem quebrantar *aquella imponencia*.

O príncipe tem passado ultimamente por uma porção de vergonhas e humilhações, que em outro homem qualquer deixariam um amargo resíduo de tristeza e desanimo.

Primeiro aboliram a monarchia, da qual ele é, ou julga ser membro; deportaram o imperador, que ele considerava o “seu braço direito”; cassaram-lhe as honras do posto de alferes, sendo oficialmente ‘xingado’ de bêbedo e desordeiro; metteram-no na enxovia de envolta com vagabundos e gatunos; *os pretos da costa da África, seus ex-subditos, rebellaram-se e fizeram ponto no subsidio que lhe forneciam mensalmente*; não póde sahir á rua sem que uma chusma de garotos o persiga com vaías e assobios.

Entretanto (vi-o hontem) continua a ser sempre o mesmo: *grande sobrecasaca, chapéo alto á bolina, monóculo, luvas, andar firme e altivo, grandes barretadas e largos sorrisos para todos os lados*.

Poderá ser um maluco, um espertalhão que especula com a originalidade, o que quiserem. Mas o certo é que *daquella massa é que se fazem os grandes diplomatas e os “homens fortes”*.

A “linha” é tudo.

O príncipe Obá também declarou que *iria a África buscar um exercito para restaurar a monarchia, si ... tivesse dinheiro para pagar a passagem* (Gazeta da Tarde, 23 dez. 1889, p. 2).

Do ponto de vista das expressões referenciais, o enunciador constrói uma representação positiva de “S.M., o príncipe Obá II”, referindo-se a ele com detentor de distinção, ar de superioridade e imponência, e descreve também o porte elegante: “grande sobrecasaca, chapéu alto á bolina, monóculo, luvas, andar firme e altivo, grandes barretadas e largos sorrisos para todos os lados.” Não deixa de evidenciar a ambiguidade relacionada a sua pessoa, polifonicamente: “um maluco, um espertalhão que especula com a originalidade”. Para contra-argumentar, o enunciador lança mão de uma *déixis* memorial, isto é, apela à memória discursiva dos interlocutores: “daquela massa se fazem os grandes diplomatas e os ‘homens fortes’” As últimas duas expressões referenciais, certamente, devem ter agradado Obá, pois veiculam sentidos que se assemelham às representações que em seus artigos buscava construir. O enunciado traz também uma afirmação importante sobre o dízimo que recebia: “seus ex-subditos, rebellaram-se e fizeram ponto no subsidio que lhe forneciam mensalmente”. Marca de fato o fim das monarquias no Paço e na África Pequena. À revelia da representação a princípio positiva, os desdenhosos enunciados finais (“O príncipe Obá também declarou que *iria a África buscar um exercito para restaurar a monarchia, si ... tivesse dinheiro para pagar a passagem*”) impõem ao leitor uma (re)leitura (re)categorizando a figura pública de Obá II.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Cunha e Gomes (2007) trazem uma interessante interpretação para o fim do século XIX no Brasil, período que marca o término do Império e o processo emancipatório, sobre os papéis sociais de escravo e cidadão e modos de inserção desses indivíduos que passam de escravos a libertos. Segundo os historiadores, no interior do processo de ruptura “se abrigavam muitas formas de ser e reconhecer-se como livre, cidadão e, principalmente, de vivenciar tais condições nas relações de trabalho, nos mecanismos de participação política, nas estratégias de produção de subjetividade e de identidade” (2007, p. 10). Buscou-se neste trabalho observar, a partir dos valores associados à escrita, como Galvão/Obá se reconheceu como homem livre, cidadão, ex-soldado e príncipe. O sujeito histórico desta pesquisa evidenciou ter consciência de que a palavra impressa era uma estratégia de visibilidade para a obtenção de direitos e participou politicamente das sociabilidades

de sua época por meio de seus diversos artigos publicados nos periódicos populares. Figura popular na corte, a recepção de seus textos com grafias e elementos de sintaxe desviantes da norma vigente suscitou uma série de referências depreciativas a sua figura nas colunas dos periódicos. A despeito deste fato relacionado a normas de escrita, Galvão/Obá pôs em prática diversas habilidades textuais e discursivas.

Retoma-se então Labov (2008), para quem a significação social que é atribuída às variantes linguísticas pode servir como indicador para medir outras formas de comportamento social, entre elas aspirações à ascensão social, mobilidade e insegurança social, mudanças na estratificação e segregação social. Alargando o escopo dessa afirmação para além das “variantes linguísticas” e tomando também “os usos da linguagem escrita” como foco, consideramos que a produção textual desse sujeito histórico evidencia um comportamento social profundamente voltado aos valores relacionados à escrita, ao jornal e ao lugar que ele desejava ocupar: Príncipe do Reino de Obá. A escrita para D. Obá II significava se apropriar de seu lugar na Corte, e a circulação dos textos tomados como um conjunto confere sentido a esse trabalho com a linguagem.

Galvão/Obá foi um sujeito negro livre em tempos de desmonte da escravidão no Brasil que elaborou sentidos para as próprias ações e para as dos outros, difundindo projetos e perspectivas próprias ao grupo ao qual pertence, intervindo em assuntos considerados de interesse público.

REFERÊNCIAS

Acree Jr W. Un sueño realizado: un letrado negro y el poder de la escritura. In: Borucki A, Acree Jr W, editores. *Jacinto Ventura de Molina, la escritura negra en el Rio de la Plata*. Montevideo: Linardi y Risso; 2008.

ALBUQUERQUE JR, D. A dimensão retórica da historiografia. In: PINSKY, C B e LUCA, T R, organizadores. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto; 2011.

Andrews G. Prólogo. In: Borucki A, Acree Jr W, editores. *Jacinto Ventura de Molina, la escritura negra en el Rio de la Plata*. Montevideo: Linardi y Risso; 2008.

Araújo R. Pasquins: submundo da imprensa na Corte Imperial (1880-1883) [dissertação]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Sociais; 2009.

Cunha O, Gomes F. Introdução – que cidadão? Retóricas da igualdade, cotidiano da diferença. In: Cunha O, Gomes F. Quase cidadão: histórias e antropologias da pós-emancipação no Brasil. Rio de Janeiro: Editora FGV; 2007.

Galves C. Posfácio. In: Lobo T, Oliveira K, organizadores. África à vista. Dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do séc. XIX. Salvador: EDUFBA; 2009.

Koch I. Desvendando os segredos do texto. São Paulo: Cortez; 2002.

Koseritz CV. Imagens do Brasil (1883). São Paulo: Martins, Edusp; 1972.

Kraay H. Os companheiros de Dom Obá: Os zuavos baianos e outras companhias negras na guerra do Paraguai. Afro-Ásia. 2012;46:121-161.

Labov W. Padrões sociolinguísticos. Bagno M, Scherre MMP, Cardoso CR, tradutores. São Paulo: Parábola Editorial; 2008.

Maciel LO. Popular na imprensa: linguagens e memórias. XIX Encontro Regional de História: Poder, Violência e Exclusão, ANPUH; 2008 08-12 setembro; São Paulo, Brasil. Anais. CD-ROM.

Oliveira K, Lobo T. Introdução (Ou como a África, no Brasil, avista a escrita). In: Lobo T, Oliveira K, organizadores. África à vista. Dez estudos sobre o português escrito por africanos no Brasil do séc. XIX. Salvador: EDUFBA; 2009.

Schlieben-Lange B. História do falar e história da linguística. Tarallo F et al., tradutores. Campinas: Editora da UNICAMP; 1993.

Schwarcz L. As barbas do imperador: D Pedro II, um monarca nos trópicos. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras; 1998/1999.

Silva E. Dom Obá II D'África, o Príncipe do Povo, vida, tempo e pensamento de um homem livre de cor. São Paulo: Ed Companhia das Letras. (1997 [2001]).

Soares CA. Capoeiragem baiana na corte imperial (1863-1890). Afro-Ásia. 1998-1999; 21-22: 159-160.

ARQUIVO E BANCO DE DADOS CONSULTADOS

AHeX – Arquivo Histórico do Exército (RJ)

Pasta “Cândido da Fonseca Galvão”

Fundação Biblioteca Nacional [homepage]. Fundação Biblioteca Nacional: portal de periódicos. Disponível em: http://www.bn.br/portal/?nu_pagina=18

Textos/edições consultados:

Jornal Carbonario:

Edição de 04 set. 1882.

A justa palavra perante deos, a majestade e as universidades. 04 jun. 1883, p. 4.

Justiça. 29 mar. 1886.

Edição de 14 ago. 1882, p. 4

Ao paiz e ao respeitavel publico. 21 ago. 1882, p. 2.

A justiça e a consciencia. s/d, p. 1.

A S. A. Sereníssimo o Senhor Príncipe Conde D'Eu. 20 set. 1886.

A cruel inveja contra o principe D Obá II d'Africa. s/d, p. 3.

Plano maldito dos adversarios. 25 jun. 1886.

Protesto. 26 mar. 1886.

A justa palavra perante deos, a magestade e universidades. 04 jun. 1883, p. 1.

Jornal O Corsário:

Coluna Correspondência: 01 maio 1883.

O actor Galvão. 12 abr. 1884.

Jornal A Folha Nova:

Phenix Dramatica. Coluna a pedidos: 26 jul. 1883.

Coluna Foyer: 27 out. 1883.

Jornal Gazeta de Noticias:

Publicações a pedidos, 22 jun. 1880, p.3

Doutoras. Publicações a pedidos: 11/08/1889: p. 2.

Recebido em: 21/01/2015

Aceito em: 26/05/2015